



O USO DA METÁFORA EM EZEQUIEL 16

The use of metaphor in Ezekiel 16

Luiz Antônio Silva de Oliveira*



* Licenciado em Educação Física pela Universidade Potiguar UNP), Bacharel em Teologia pela Faculdade Batista do Cariri (FBC).

Contato:

toninho_teclado@hotmail.com

Recebido em: 04/07/2020**Aprovado em:** 25/09/2020**RESUMO:**

A metáfora em Ezequiel 16 apresenta força e forma em comunicar a mensagem de YAHWEH. Por isto, este artigo explora o conceito de metáfora, sua relação com a exegese e com a interpretação da sexualidade e espiritualidade. Deseja-se concluir que, a metáfora em seu papel de comunicar a mensagem profética ezequiana, é reconhecida como recurso literário essencial para cumprir com seu papel na transmissão da vontade de YAHWEH. Busca-se (no) discurso do profeta a simbologia da mensagem, sua influência interna e externa em como sua perspectiva afetou sua mensagem.

Palavras-chave: Ezequiel; Metáfora; Espiritualidade; Sexualidade.

ABSTRACT:

The metaphor in Ezekiel 16 presents strength and form in communicating YAHWEH's message. For this reason, this article explores the concept of metaphor, its relationship with exegesis and with the interpretation of sexuality and spirituality. It's hoped to conclude that the metaphor in its role of communicating the prophetic Ezekian message, is recognized as an essential literary to fulfill its role in transmitting the will of YAHWEH. It seeks (in) the prophet's speech the symbology of the message, its internal and external influence on how his perspective affected his message.

Keywords: Ezekiel; Metapfor; Sexuality; spirituality.

INTRODUÇÃO

Para Block (2012), a intenção do profeta é ajudar a orientar seus leitores originais quanto ao tempo, método e mensagem, por isso, o uso que o profeta faz da metáfora demonstra não apenas suas características literárias, mas a força e importância de sua profecia. O objetivo do presente estudo é analisar a utilização da metáfora conjugal em Ezequiel 16. Para isso, discute-se de maneira específica a definição do conceito de metáfora e sua análise com a exegese. Sucessivamente, descreve a intenção da figura literária da metáfora conjugal apresentada. E por fim, interpreta a relação da sexualidade e espiritualidade expressa dentro da metáfora conjugal. Esta obra é elucidada pelo conceito de *redescobrir a realidade* de Ricouer (2015). Além disso, dedica-se à tradução de termos-chave na língua hebraica para compreensão do estilo e estrutura.

As imprecisões conceituais, de modo geral, encontram suas dificuldades interpretativas nos abismos (cronológico, geográfico, cultural, linguístico, literário e sobrenatural) que precisam ser ultrapassados. Por este motivo, esta obra se justifica por deferir à necessidade de compreensão do conhecimento da metáfora conjugal no relacionamento de Deus com o seu povo, no esclarecimento exegético-literário e por causa do pouco debate e clareza no que se refere à linguagem das metáforas conjugais. Aplica-se também a *teoria da substituição da metáfora* de Aristóteles ao que é figurativo em substituição de outro, literal, como base em uma suposta semelhança. Neste caso, a metáfora não apresenta algo novo, mas coloca de maneira mais “decorosa” o que poderia ser dito literalmente.

Por fim, o emprego do método de caráter bibliográfico para análise da leitura do material colhido nas fontes utilizadas, fundamenta-se em autores e seus respectivos conceitos concernentes ao objetivo da obra que, segundo Barthes (2006), entende que essa coleta de corpus é uma coleção finita de matérias, determinada de antemão pelo analista, com (inevitável) arbitrariedade, e com a qual ele irá trabalhar. Sendo assim, a obra não trabalha com textos isolados, fora da temática e sem relevância para o assunto.

1 - DEFINIÇÃO DO CONCEITO DE METÁFORA E A RELAÇÃO COM A EXEGESE DO CAPÍTULO DEZESSEIS DE EZEQUIEL

A maior grandiosidade é sem dúvida ser-se mestre na metáfora. É a única coisa que não pode ser aprendida dos outros. É a marca do gênio. (ARISTÓTELES, **Poética**, §22).

Para Ricoeur (2015), é perceptível aos literatos e a todos que se aventuram a estudar literatura seja ela de qual tipo for, que os relatos factuais ou não, necessitam de uma sequência lógica para serem compreendidos. Esta sequência lógica é importante para a interação do texto/leitor com suas respectivas vivências, sejam elas intelectuais ou emocionais: imaginação, medo e satisfação, gerando uma dimensão estética do texto. Quanto à linguagem, Cegalla (2008) entende que há relação entre a língua/fala, significante/significado, paradigma/sintagma, denotação/conotação. Neste sentido, Martinet (1978) compreende que linguagem é a capacidade que o homem apresenta para se comunicar através de signos vocais. Hjelmslev (1975) elucida que é por meio dela que as pessoas se expressam tornando-a a base última e mais profunda da sociedade. Além disso, Hjelmslev apresenta dois planos: expressão, quando o signo linguístico une o conceito e uma imagem acústica, e o de conteúdo pelo conceito dicotômico de significante e significado. Estas são, por sua vez, importantes para compreensão do texto de Ezequiel 16, pois, além de enquadrar todas as figuras (plano de expressão) que operam em nível de significante, também envolve as figuras de mudança de sentido apresentando um caráter linear no plano de expressão.

A metáfora é usada como parte do discurso, fazendo com que não somente a palavra seja a unidade de referência, mas também a extensão e o deslocamento do discurso. Para Ricoeur (2015), a metáfora em último caso é o poder de *redescrever* a realidade, segundo uma pluralidade de modos de discurso. Além disso, Ricoeur entende que a imaginação faz a mediação entre a “perspectiva finita da percepção e o objetivo infinito do verbo” (RICOEUR, 2011, p.17). Ricoeur ainda afirma que “por conseguinte, a relação entre o significado literal e o significado figurativo em uma metáfora é como uma versão resumida dentro de uma única oração da complexa interação de significações que caracterizam a obra literária como um todo” (RICOEUR, 1976, p. 46).

A questão também não é a forma (como a retórica) nem o sentido (como na semântica), mas sua referência, isto é, para Ricoeur, a “realidade” extralinguística. É preciso saber que, para compreender qualquer texto, a hermenêutica tem que ser bem fundamentada, passando por suas representações que conta com os signos (linguisticamente ou não) e pela semântica: a palavra, a frase e, então, o discurso propriamente dito, neste caso, a metáfora. Assim, a metáfora é o método retórico que o discurso libera o poder que algumas ficções têm de *redescricao* da realidade. Decorrendo mais sobre isso, Ricoeur disserta a metáfora de forma filosófica em Aristóteles que não explica a metáfora por comparação, mas a comparação pela metáfora. Sendo assim, de acordo com o processo filosófico do conceito da metáfora aristotélica, há aproximação entre o objeto a ser nomeado e o objeto estranho (epífora) que empresta o nome, neste caso, a ciência da semiótica, agente extralinguístico que participa do processo de substituição de nomes. A comparação também é menos agradável por sua extensa apresentação e não é objetiva em seu sentido de compreensão. Mas esta aproximação é vista positivamente por Ricoeur em relação à epífora¹, como transferência de termos, semelhança, discurso e retórica.

A análise da metáfora e a semântica do discurso de Ricoeur permitiram mais um passo a ser dado no conceito e na relação da metáfora com a interpretação de Ezequiel 16. O que Ricoeur chama de *enunciado metafórico*, tanto é nominal como real. O nominal permite identificar a metáfora, o real, como isto se dá. Aplicada à metáfora de Ezequiel 16 em que há dois “quadros”, Israel como criança abandonada que Deus adotou e a esposa que se prostitui para outros povos, o nome e o real se desenvolvem a partir do enunciado metafórico. Enquanto a metáfora é classificada entre as figuras de discurso, a forma como se escreve consiste em um deslocamento e em uma ampliação do sentido das palavras. Hoy (1978) identifica a teoria da interação de Aristóteles, a *teoria da substituição da metáfora*, assim, procura-se entender de forma mais objetiva: O que a linguagem metafórica conjugal comunica e como se faz compreensível na relação de Deus e Israel?

Vemos constantes atribuições de novos sentidos às palavras que conhecemos, por isso, segundo Cegalla (2008), a expressão empregada à linguagem de maneira diferente

¹ Repetição de uma ou mais palavras no fim de cada membro de um período.

da usual chama-se figura de linguagem. Estas figuras ou estilo são utilizados para valorizar o texto, fazendo com que a linguagem seja mais expressiva. É um recurso linguístico para manifestar experiências comuns de formas variadas, atribuindo originalidade, emotividade ou poeticidade ao discurso. Gramaticalmente as figuras de linguagem são divididas em três grupos, a saber: figuras de palavras, de pensamento e de sintaxe ou de construção. No sentido literal, a linguagem é direta, conceptual e denotativa. No sentido figurado, a linguagem é o mecanismo emocional de livre escolha. As figuras evidenciam muito da sensibilidade de quem as produz, expondo particularidades do próprio autor. Esta compreensão só é possível de forma elucidativa por que, segundo Aristóteles retratou, é a relação “própria” da linguagem com o mundo quanto à predicação. Segundo McGrath (2005), Aristóteles entende a metáfora como o processo que envolve “o uso de uma palavra, por transferência, cujo uso originário designa outro objeto ou qualidade”. A metáfora é uma atribuição de um novo significado a uma palavra conhecida.

Cegalla (2008) entende que o termo empregado em sentido figurado passa a fazer parte de outro campo de significação mais amplo e criativo. As comparações que podem ser literais, subentendidas, mentais ou abreviadas, dão sentido ao texto, e são nestes dois últimos que se compreende o conceito gramatical da metáfora. Por exemplo, McGrath (2005) exemplifica dessa forma: pode-se dizer que *Deus é sábio*, porém, neste sentido, a afirmação demonstra a existência de uma relação analógica entre a natureza de Deus, ou seja, quem Deus é, e o entendimento humano de “sabedoria”. Sugere-se então que, tanto na esfera linguística como na esfera ontológica, há um paralelo direto entre as noções humana e divina de sabedoria. Todavia, se é dito que *Deus é um leão*, a comparação parece não ser apropriada, independente das semelhanças e diferenças que possam existir entre Deus e um leão. Assim, uma metáfora pode combinar semelhanças e diferenças, enfatizando tanto a existência de paralelos quanto de divergências entre os dois objetos comparados. Neste caso, a metáfora acontece quando o termo substituído por outro através de uma relação semelhante, resulta da subjetividade de quem a cria, e em que o conectivo não está expresso, mas subentendido. Entende-se que, “dado o caráter enfático, incisivo e direto, a metáfora produz impacto em nossa sensibilidade: daí sua grande força evocativa e emotiva. É a mais importante e frequente figura de estilo e, frequentemente, encontra-se aliada a outras figuras, como a hipérbole e a personificação” (CEGALLA,

2008, p. 614). Em suma, no caso de Ezequiel, a metáfora como recurso literário para comunicar a ação profética conecta dois mundos por meio de palavras que conotam experiências sensoriais em suas imaginações, proporcionando a compreensão de sua intenção profética e procurando produzir mudança.

Ainda vale ressaltar que McGrath (2005) apresenta três características metafóricas. A primeira, como já explicitada, mostra que a metáfora envolve tanto semelhanças como diferenças. A segunda é que a metáfora não pode ser reduzida a afirmações definitivas, pois, para McGrath (2005), uma das características mais atrativas da metáfora para a teologia cristã é o seu caráter aberto. Ainda ele elucida entendendo que a metáfora não pode ser diminuída a um conjunto de declarações específicas de modo a não depender do tempo e lugar. A proposta da metáfora permite aos leitores e ouvintes encontrar nela um novo significado. Por fim, a terceira característica é o traço emocional bastante forte. As metáforas teológicas, por exemplo, são capazes de expressar sua utilidade ou cumprir seu propósito ou necessidades emocionais da fé cristã, de maneira a torná-las propícia à adoração. Assim, os símbolos sempre expressam emoções e sentimentos humanos, além de inspirar respostas e compromissos.

Para Plummer (2017), uma figura de linguagem é uma expressão que, em seu fundamento, deve ser compreendida não no sentido restrito das palavras ou exatamente do modo como foi escrita (palavra por palavra ou letra por letra). Ele destaca também que todas as línguas e culturas têm suas figuras de linguagem. A linguagem metafórica desempenha um papel importante para literatura textual e compreensão de forma sinestésica do assunto abordado. É importante compreender através do que já foi dito que a maior força utilizada na formação de um relato é a figura de linguagem que, eliminando a metáfora seu espírito vivo se dissipará. De acordo com Ryken (1993), a metáfora se apresenta de forma mais brusca. É possível entender que há na metáfora uma transição entre a manifestação restrita e a generalização de sentido. Assim como na poesia, a metáfora funciona como artistas que pintam imagens que norteiam à compreensão do objetivo metafórico empregado.

Entretanto, destaca-se um perigo eminente: a “superinterpretação” da metáfora. Isso ocorre quando o leitor extrai sentidos de uma imagem que nunca foi da intenção do autor. Isso nos leva a crer que toda metáfora, apesar de ser uma figura de linguagem, ainda sim deve ser entendida à luz do contexto imediato e do que viria à mente das pessoas

nos tempos bíblicos. De acordo com William, Craig e Robert (2017), um fator básico para compreender a metáfora é a determinação dos sentidos empregados nos termos que são utilizados, destacam-se então: o *referencial* a que uma palavra se refere; o *denotativo* que é o sentido preciso ou direto da palavra com seu sentido próprio; o *conotativo* que emprega a palavra em seu sentido figurado se evidenciando no sentido sugestivo especial que surge de algum modo a partir do sentido denotativo; e o *contextual* que é o sentido específico sugerido pelo uso de uma palavra num contexto específico que a limita a um dos sentidos supracitados. Mas diante disso, qual seria a intenção ou o que levou Ezequiel em descrever a figura literária da metáfora da forma como descreveu? Erickson (2015) destaca que assim como uma cesta tem um suporte pela qual pode ser levantada, o discurso deve ter uma tese ou proposição central pela qual a totalidade possa ser compreendida, seja seu termo ou conteúdo. Além disso, Erickson (2015) continua elucidando que dependendo do posicionamento do discurso, privilegia a visão dando uma compreensão mais integrada com sua riqueza de detalhes, bem como uma visão mais apurada do discurso em questão. É preciso então descobrir a intenção da metáfora.

2 - DESCRIÇÃO DA METÁFORA CONJUGAL EM EZEQUIEL 16

No primeiro capítulo buscou-se compreender o conceito de metáfora e sua relação com a interpretação da mesma. Percebe-se que a metáfora tem uma grande importância para compreensão da mensagem profética de Ezequiel, principalmente por *reedescrever* a realidade e despertar no ouvinte suas experiências sensoriais. Quando se lida com literatura e teologia, Merrill (2009) entende que se deve estudar teologia abordando numa metodologia rigorosa como qualquer outra ciência. Assim, tanto a teologia como sua forma de expressão, chega a considerações harmoniosas. Pode-se dizer que as figuras de linguagem também precisam de um método (autor-escrita/leitor-interpretação) para que haja concretude e harmonização entre o que o autor disse e como sua comunidade para quem escreveu entendeu, e como isto reflete em nossa época, a saber, como essas figuras de linguagem se comportam dentro do gênero literário de Ezequiel.

Osborne (2009) elucidava informando que este debate é importante, pois abre a possibilidade de recuperar o significado pretendido pelo autor, ou seja, o gênero intrínseco. Além disso, a mensagem profética se desenvolve a partir do chamado e do papel do profeta na sociedade do seu tempo. O profeta, “antes de ver”, é o que “vê além”,

sendo que ambos se completam, sendo assim, muitos entendem que a mensagem profética sempre é futurística, e isso não é uma verdade. O próprio Ezequiel estava profetizando algo bem presente na sua época. Zuck (2012) apresenta que a “literatura profética consiste em textos que trazem predições feitas na época de sua redação e, com frequência, incluem determinações para que os ouvintes da profecia modifiquem suas vidas em função das predições”. Também para Brent Sandy e Martin Junior (1995) essa diferenciação é importante, pois cada gênero e conseqüentemente suas figuras de linguagem exige sua própria categoria metodológica. Kaiser (2011) apresenta o contexto histórico de Ezequiel que está relacionado com seu discurso e exóticas ações simbólicas. Além disso, ainda nos faz saber que Ezequiel gostava de alegorias e parábolas, fazendo mais uso do que outros profetas indicando ser um bom literato, e suas metáforas no livro revelam muito sobre a capacidade de escrita e de elocução.

Ezequiel segue o relato dos outros profetas: desobediência (na esfera nacional e individual), discursos para a nação, julgamento e restauração (MERRIL, 1991, p. 365-95). Ezequiel usa a metáfora onde corpo, desejo, inteligência e idolatria se entrelaçam e se estabelecem através de relações entre o eros, poético e o prosaico, onde o poético é o espaço de enlevo, romantismo e ritmo, e o prosaico é o espaço do visível, concreto, racional. Sozinhas, as figuras não têm sentido, mas em seus respectivos contextos comunitários, escondem temas revestindo ideias abstratas de formas concretas. Além do mais, os termos explicam, classificam ou categorizam as figuras que são chamadas de termos abstratos, ou seja, são ideias, conceitos, as noções significadas no texto, por isso se espera que o leitor a entenda sem depender da expressão “como”. Além disso, os temas do texto igualmente dentro dos seus contextos, que são “temas dos temas”, explicam, classificam e/ou categorizam. Entende-se ser, de acordo com Osborne que “o significado é o coração da comunicação”.

Osborne (2009) entende que o problema da compreensão da figura literária está no campo da semântica, e quando a língua original emprega uma figura literária, a tradução pode ser feita de três formas: a figura paralela entre a língua receptora; se a transferência de significado não é automática e se não há correspondência entre a língua original e a receptora. Ricoeur (2002) se destaca por que entende que as figuras atuam tanto no campo semântico como na esfera do discurso. No caso da metáfora, tanto chama atenção como imprime verdades na relação do significado literal e o figurado, partindo

do autor a escolha que, no caso de Ezequiel, por exemplo, compara Jerusalém a uma esposa infiel, conduzindo seus ouvintes a uma materialização da mensagem. A contribuição de Ricoeur vai além da tarefa de imergir a audiência em histórias, mas na própria palavra de Deus como Ezequiel apontou. O tema em questão aponta para o relacionamento com a teologia do Antigo Testamento (pactual – promessa – bênção) expressivamente por causa da forte linguagem metafórica sexual utilizada, por exemplo: “adúltera”, “prostituta”, “meretriz” e “amante”, revelando o declínio relacional e a gravidade do pecado de Israel contra Deus.

3 - A RELAÇÃO ENTRE SEXUALIDADE E ESPIRITUALIDADE DA METÁFORA CONJUGAL DE EZEQUIEL 16

No segundo capítulo, a intenção da figura literária da metáfora conjugal e suas implicações no cenário contemporâneo mostrou-se ser desafiadora, não só para sua compreensão, mas até mesmo para sua validação literária e histórica. Mas como revelar sem desvelar, sem descobrir o encoberto, sem ser influenciado negativamente ou moralmente corrompido? Para isto, o exegeta precisa entender que seu trabalho vai além de coletar dados e expor alguma interpretação à luz das pesquisas. O trabalho do exegeta inicia com uma necessidade que leva às perguntas que, depois de um longo processo, conclui com um princípio norteador para um indivíduo ou sociedade. Ou seja, antes de qualquer passo exegético a ser dado, é necessário ponderar as reais motivações e necessidades individuais e coletivas, pois toda exegese é feita com propósito.

Baker (2017) propõem organizar as profecias em quatro partes nas qual esta obra elucida e se apropria. A primeira parte é a *pré-composição* que se preocupa explorar quem o profeta é, seu contexto histórico e seu papel no contexto histórico-social. A segunda e terceira parte, *composição* e *transmissão*, abordam sobre a formulação de sua mensagem, no caso de Ezequiel 16, a formulação é metafórica, e o como formular é de responsabilidade do profeta. E, por fim, a aplicação frisa como os textos do AT são usados na pregação e ensinamentos contemporâneos, ou seja, fazer duas viagens, de ida até o tempo do autor, e de volta ao tempo contemporâneo. Stuart e Fee (2008) entendem que para fazer exegese do Antigo Testamento corretamente é necessário aplicar as incumbências e os sentidos das palavras (linguística); com o exame da literatura e do discurso (filologia); com a teologia e história; com a transmissão dos escritos bíblicos

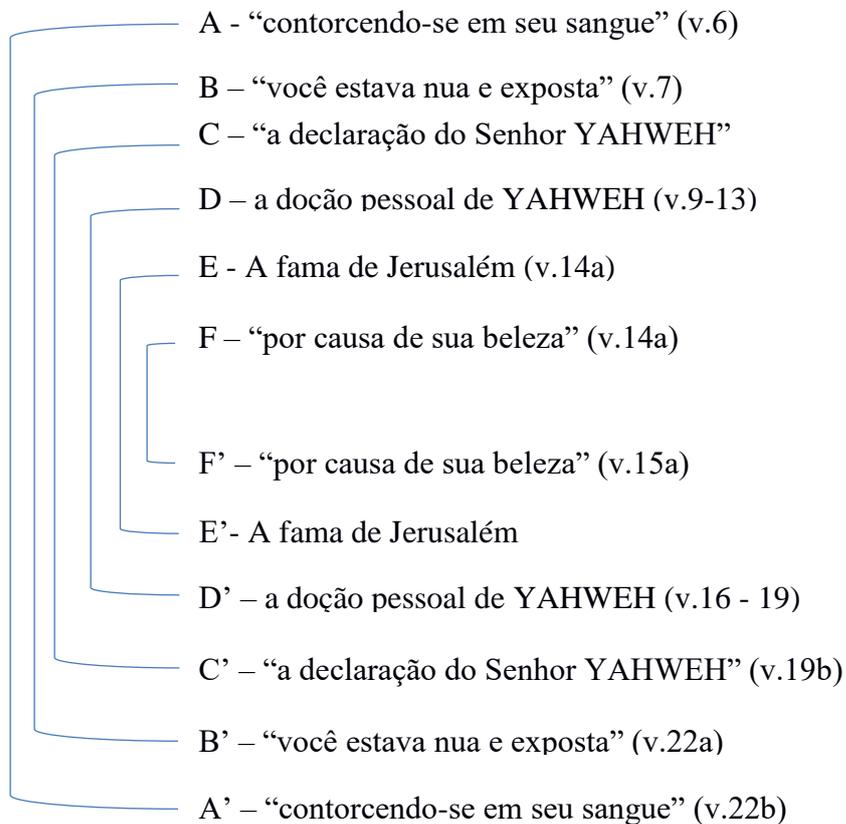
(crítica textual); com a estilística, com a gramática e a análise de vocábulos; e com área da sociologia. Portanto, nesta ótica, é um meio que enxerga o fim. Tendo um caráter mais tecnicista, a busca para compreender o sentido exato da passagem bíblica deve estar estritamente ligado ao significado para a(s) comunidade(s) originalmente dirigida (BRUCE, 1990).

Para Hill e Walton (2007), a mensagem profética e a estrutura literária de Ezequiel estão familiarmente ligadas. Essa familiarização anuncia e explica os julgamentos do YAHWEH sobre seu povo por meio da Babilônia e a restauração de Israel quando seus inimigos forem destruídos. A mensagem profética está subindo na grande montanha da estrutura literária até chegar ao seu clímax. Por exemplo, desde os primeiros capítulos do livro quando Ezequiel viu a glória do Senhor como “quatro seres viventes” saindo de uma nuvem (1:4-28), ou quando comeu o rolo de lamentações pelo julgamento de Israel (2:9-3:3), ou quando se tornou mudo (3:16-27), passando pela encenação da queda de Jerusalém (12:3) e pela comparação de Jerusalém como uma videira em combustão (15.2-6) até chegar na infidelidade de Jerusalém (16) e Jerusalém e Samaria como duas irmãs adúlteras (23). A mensagem profética alcança o clímax nesta estrutura progressiva e depois entra em declive no processo de restauração. A mensagem metafórica está familiarmente relacionada com a estrutura de forma coerente e harmoniosa levando a sua comunidade entender os propósitos de YAHWEH. As figuras não são misteriosas, mas estão explicadas nos contextos.

A relação da sexualidade e espiritualidade expressa dentro da metáfora conjugal de Ezequiel 16 de acordo com Wiersbe (2006) é uma das mais fortes utilizadas. A perícopes é marcada pelos termos “nascimento” (chamado de Deus a Abraão), “indesejada”, “desprotegida”, “abandonada” e “deixada para morrer”, mas Deus a lembra de onde ela saiu (Gn 10.15; 16; Dt 20.17), “casamento” (aliança de Deus com o povo), “esposa” a qual é conduzida ao tribunal por causa da sua infidelidade, “prostituição espiritual” (idolatria, dando testemunho de sua infidelidade). Ezequiel 16 identifica e desenvolve a quatro etapas marcadas pelos seus respectivos termos: “adoção”, “casamento”, “infidelidade” e “reconciliação”.

A primeira etapa é desenvolvida na perícopes introdutória (vv. 1-5) iniciando com a chamada de Deus para a acusação de Israel. A expressão וַיְהִי דְבַר-יְהוָה אֵלַי לֵאמֹר (wayhlî dēbar Yahweh 'ēlay lēmōr, lit. e veio novamente a palavra de YAHWEH para mim

dizendo) indica o início de outra profecia e antecede a ordem para que Ezequiel apresente o caso de YAHWEH contra o seu povo. A função de Ezequiel é notificar, assim, Block (2012) destaca a expressão *עוֹדֵה* (*hōda^c*, lit. *fazer conhecer*) seguida por um acusativo duplo que carrega um sentido forense, identificando o que se segue como um processo semilegal. O capítulo é marcado pelo termo *תּוֹעֲבֹתַי* (*tô^cavoteyha*, lit. *suas abominações*), cuja raiz ocorre 11 vezes no capítulo dezesseis, e que também relaciona em certa medida com *תַּזְנוּתָי* (*v^etaznûtaikh*, lit. *atos de prostituições*) demonstrando uma modificação geral no significado cúlctico e categorizando a perversidade ninfomaníaca de Jerusalém estruturado de forma quiástica por Block:



Ezequiel caracteriza o abandono da criança como rejeitada com as expressões נִפְשֵׁק נִגְעַל (*b'goal naphsek*, lit. “pelo nojo de tua alma”). Na raiz QAL² do verbo é definido como “considerar alguém ou alguma coisa como estrume e sujeira” referindo-se a alguém como imundo (BLOCK, 2012, p. 449). YAHWEH é apresentado como um viajante que, passando pelo campo onde a menina foi abandonada, adota-a em sua reação imediata (v.6,7) marcada pelas expressões: “revolver-te no teu sangue”, “cresceste”, “engrandecestes”, “chegaste à formosura”, “estavas nu e descoberta”. Portanto, Ezequiel conclui apontando para YAHWEH que salva a vida da criança a adota como filha, pois foi o rolar sobre *seu sangue* [da criança] que chamou sua atenção. Ezequiel faz um jogo de palavras usando o termo לְמִשְׁחָיִי³ (*le-mish·'i; tornar limpo* [v.4]) refletida pela abandono por parte dos pais, contrastando com a expressão בְּדַמַּיִךְ⁴ (*bedamayikh, em seu sangue* [v.6]) que reflete a misericórdia de Deus com a expressão, “em seu sangue, viva!”, legalizando a adoção de YAHWEH. Esta adoção marca a segunda etapa desse relacionamento que é o casamento. O caráter de transição (v. 7) é destacado por duas colunas paralelas:

“Cresceste”	“Formaram-se os teus seios”
“Engrandecestes”	“Te cresceram cabelos”
“Estavas nua”	“E descoberta”

A segunda fase também tem caráter de resgate (v. 8-14). Jerusalém nua indicando sua idade sexualmente madura apresentava perspectivas morais, por isso, YAHWEH se casa com Jerusalém preservando sua pureza antes que alguém tenha prerrogativa sobre ela. O casamento é identificado pela expressão עֵת דְּדֹדֶיךָ (*ithekh eth dodim, o tempo*

2 Um padrão é a raiz mais elementos característicos acrescentados ao mesmo. QAL significa “leve, ou “simples”, é o padrão simples ativo. Futato (2010) identifica que o QAL representa 69% dos verbos na Bíblia em Hebraico.

3 É um *hápax legomenos* e, portanto, seu significado é questionável. A maioria dos semitistas relaciona a palavra ao assírio, que significa “limpar, lavar”, e apontaria para uma raiz semelhante e para a representação no Targum que têm o mesmo sentido.

4 É ambíguo. O plural geralmente significa sangue derramado. Neste caso, é mais provável que se refira ao fluido amniótico e ao sangue que sua mãe havia descarregado na hora do parto por não ter cortado o cordão umbilical.

para amores havia chegado) que indica o ato sexual visto também em outros textos (Ez 23.17; Pv 7.16; Ct 1. 2,4;4. 10; 15. 1; 7.13). Este casamento, segundo Block é marcado por seis atitudes de YAHWEH para com sua esposa.

A primeira atitude mencionada é o ato de **וַאֲכַסְהָ** (*wā'ākhasseh*, cobrir) que, segundo Kruger (1984), simboliza a concretização de um novo relacionamento e a declaração simbólica do marido de prover o sustento para sua esposa. A segunda é descrita por duas expressões: Eu me comprometi com você e fiz um pacto (**בְּרִיתִי**, *bibrît*), e aqui a expressão com você se relaciona com o ato de levantar a mão em forma de juramento (v. 20.5); e você se tornou minha (**וַתְּהִי לִי**, *wattihyî lî*), reafirmando o objetivo e resultado do juramento pactual, assim, YAHWEH oficializa o casamento. A terceira atitude de YAHWEH, apesar da complexidade do significado metafórico, é purificar e unguir a esposa que pode ser compreendido como aspectos da iniciação em sua posição como esposa. A quarta, quinta e a sexta atitude de YAHWEH traz a ideia de uma rainha. Sua esposa é vestida com vestimentas da melhor qualidade, adornada com finas joias e degusta a melhor comida. Estas coisas só os nobres e a família real poderiam ter. Assim, nesta situação, o casamento é definido pela expressão (**וַתֵּלֶכְיִי לְמַלְכָּה**, *wat-tis-lə-hî limlūkāh*, lit. e chegaste a ser rainha) apresentando sua verdadeira posição (real) e identidade (esposa) diante de YAHWEH e das outras nações. Horsnell (2011, p. 813. V. 3) identifica o substantivo **צְמִידִים** (*tsemydiyyim*, lit. braceletes) que é usado em Ezequiel 16 como metáfora da provisão graciosa de Deus.

O superlativo sublime de sua beleza é identificado de quatro maneiras para Block (2012), a saber: o emprego da expressão **בְּמְאֹד מְאֹד** (*bim'od m'od*, lit. “com muito, muito” ou “extremamente”); uso da analogia; sua reputação **יְפִי** (*wattîphî*, bela, bonita); e a descrição de sua beleza como “completa, perfeita”, porém Jerusalém não nasceu com todas estas características, YAHWEH deu graciosamente. Mas, é a partir das acusações que marcam a terceira etapa do relacionamento de YAHWEH e seu povo. O termo que marca esta terceira fase do relacionamento marital é **תַּזְנוּתָיִךְ** (*taznūtayik*, lit. sua prostituição. Na versão KJV (2011), lit. tuas fornicações, expressa especificamente o tipo de prostituição) e, de acordo com Block (2012), ocorre 18 vezes apontando para a seriedade da situação. Vê-se que, além do versículo 7, o versículo 15 também tem uma função de transição. Percebe-se então, que esta terceira etapa é diferente em dois

momentos: o primeiro, dos versículos 15-22, a acusação focaliza-se na prostituição de Jerusalém quanto aos presentes de YAHWEH, e a segunda, dos versículos 23-34, prostituindo a si mesma.

As acusações de primeiro momento da infidelidade de Jerusalém são marcadas por diversas expressões, porém a raiz do verbo **לָקַח** (*laqach*, lit. tomar) que ocorre 4 vezes (16,17,18,20), é identificada como palavra chave de acusação. Block (2012) vai se referir a esta esposa da seguinte forma: “para Jerusalém, a beleza e a fama recentemente encontradas foram intoxicantes. Em sua embriaguez, perdeu todo o bom senso da história, toda a perspectiva e decência; o temporal e o efêmero substituíram o eterno; a dádiva eliminou o doador”. O termo **בְּמִוֹת** (lit. lugares altos) é ambíguo apontando concomitantemente com o capítulo 6.3 no qual Israel se prostituía. Outro termo que merece atenção por causa da dificuldade de interpretação é **צִלְמֵי זָכָר** (*tselem zā-kār*, lit. imagem masculina), pois pode estar se referindo às partes genitais masculinas ou figuras do corpo humano completo. Ezequiel acrescenta nesta terceira etapa um elemento que não tinha sido expressado nos versículos anteriores: os filhos. Observam-se três expressões que narram o tratamento que Jerusalém dá aos filhos. O primeiro é identificado pelo verbo **זָבַח** (*zabach*) que significa matar em forma de sacrifício. O Segundo é o verbo **וַתִּשְׁחָטֵי** (da raiz **שחט**, lit. matança profana de animais para alimento, mas geralmente se refere à matança sacrificial). E a terceira expressão narrada por Ezequiel é **וַתִּתְּנֵם בְּהַעֲבִיר אֹתָם לָהֶם** (*vatitenim b'ha'abîr lahem*, lit. e os ofereceu, fazendo passar através do fogo para eles). A ira de YAHWEH elevou-se mais ainda por causa do infanticídio de seus filhos.

Então, marcado pelo grito duplo de “ai, ai” (**אֵי אֵי**), a prostituição religiosa não deu prazer o suficiente, faltava se prostituir com outras nações. É nesta construção metafórica que a interpretação ganha novos ares, pois os próximos versículos abordam o segundo momento da infidelidade de Jerusalém. A partir do versículo 24 o holofote está na linguagem sexual, e é aqui, neste segundo momento da infidelidade de Jerusalém que a relação da sexualidade e espiritualidade é expressa de forma mais acentuada dentro da metáfora conjugal de Ezequiel 16. O declínio ainda continua. Seevers (2011, p. 703. V.3), entende que o verbo **פָּשַׁח** (*pashat*, lit. tirar a roupa, desnudar, despir), também ocorre em contextos metafóricos, normalmente denotando juízo. Na aliança deuteronomica, Deus avisou a Israel se caso fosse infiel, sofreria o juízo vergonhoso de levar à “nudez” (Dt

28.48). Essa passagem é basilar para a maioria das profecias, pois normalmente a nudez é empreendida como figura de Israel submetida à desonra do juízo de YAHWEH. Ezequiel se refere à nudez de Israel na sua juventude como uma imagem de inocência, mas esta figura muda anunciando o juízo que a enfrentará por causa da sua infidelidade, inclusive a desonra de está “nua e descoberta”.

A força da linguagem metafórica de Ezequiel denunciando a idolatria de Israel é comparada ao adultério. Hall (2011, p. 6), expondo a mesma denúncia no capítulo 23, elucida-nos sobre **נִיּוּפָה** (*niuph*, lit. adultério) que se apresenta figurativamente (metáfora) como adultério para se referir à idolatria, não o ato adúltero em si. Essa linguagem só faz sentido por causa do casamento (metaforicamente) entre Deus e Israel. Alguns profetas, por exemplo, Oséias (Os 4.2), Jeremias (Jr 7.9-10), também colocaram o adultério na lista de expressões de infidelidade pactual. Hall (2011) ainda esclarece que um terço das ocorrências de **נִיּוּפָה** tem sentido não literal. Vários textos se mostram ambíguos referindo-se tanto ao adultério literal quanto ao metafórico, ou a ambos. Assim, Oséias, Jeremias e Ezequiel condenam vividamente a idolatria religiosa como adultério espiritual, o cúmulo da infidelidade.

Na LXX, o prostíbulo levantado é compreendido através da expressão “οικεμα πορνικον” (*oikema pornikon*, lit. “casa de prostituição”). Ao contrário do que é costumeiro em prostíbulo, em que os homens iam até as prostitutas, Block (2012) elucida mostrando que Ezequiel narra sempre a atitude de Jerusalém como ativa, em que ela convida a todos os que passavam para entrar atijando-os com gestos maliciosos como **אֶת־רַגְלֶיהָ וְתַפְּשֵׁנָהּ** (*pasaq*, lit. “separando as pernas”).

A ira de YAHWEH se acende mais ainda. seu oráculo de julgamento inicia com muita força e expressividade. É marcado pelo termo **לֶכֶן** (*lakhen*, lit., portanto) seguido por uma chamada de atenção (ouve a palavra de YAHWEH), e acusação, “assim diz o Senhor YAHWEH”, denuncia a gravidade do pecado de Jerusalém. A sentença acontece em três momentos: primeiro é dominado pela ação de YAHWEH; o segundo pela forma como os amantes cumpriu a sentença divina; e o terceiro, é a justificativa de reação por YAHWEH. Jerusalém é desqualificada da graça. O termo que marca essa perícope é de comparação, **לְשִׁמוּעָה** (da raiz, **שמע** *shm*, lit. quem cita provérbios), cujo Polk (1983) parafraseia da seguinte forma: “ouça Jerusalém, se você quer conhecer sua natureza, veja

como é seu comportamento, e para o que fim está se apressando, inspecione sua árvore genealógica" (tradução nossa).

O pronome pessoal na primeira pessoa do singular אֲנִי ('*anî*, lit. eu), conclui a última etapa reconhecendo que YAHWEH se lembrou da aliança (בְּרִיתִי *berîti*, lit. minha aliança, pacto) no versículo 60 a qual tem dois aspectos: presente e eterno. Mas no versículo 53 já existe uma previa ao demonstrar mais uma vez sua graça salvadora por sua esposa pela expressão וְשִׁבַּתִּי אֶת־שְׂבִייתָן (, lit. e eu retornarei os cativos delas). Mas há algo que chama atenção. A cláusula conclusiva em vez de apresentar a vergonha como pré-requisito para o perdão como comumente, se apresenta ao contrário, é o perdão que se torna a pré-condição para a vergonha. Neste caso, YAHWEH בְּכַפְּרִי־ (raiz no piel, כָּפַר, lit. fornecer uma expiação) “purgar” e/ou “purificar”, não como os sacerdotes em ação ritualística, mas somente pela ação graciosa de YAHWEH. A fidelidade de Deus à aliança contrasta totalmente com a infidelidade de Israel. A maior expressão da fidelidade de Deus está na promessa de uma nova aliança e que estabelecerá uma “aliança eterna”, uma aliança de paz (Ez 34.25; 37.26). Essa nova aliança é iniciativa exclusiva de Deus. A relação da sexualidade e espiritualidade expressa dentro da metáfora conjugal de Ezequiel 16 não é apenas algo meramente ilustrativo, mas os fatos e ideias deságuam em valores que o profeta precisava comunicar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da construção literária no capítulo dezesseis de Ezequiel, notou-se que a apropriação dos personagens, a estrutura montada e seu discurso, apontam para a compreensão da denúncia profética. Compreendido o conceito de metáfora, bem como seu uso e intenção, e sua relação com a sexualidade e espiritualidade, considera-se que a metáfora conjugal em Ezequiel 16 forma uma imagem em que o profeta pinta com objetivo de impactar os leitores originais levando-os ao arrependimento e que acaba despertando nos leitores contemporâneos uma reação ora contemplativa do gênero literário, ora para escrutinar a objetividade da profecia e aplicá-la ao contexto atual. Neste caso, a metáfora tem um papel importantíssimo na transmissão da mensagem de YAHWEH, e foi neste estilo literário que preferiu se comunicar. O significado veiculado pela metáfora também é compreensível nos dias de hoje, pois a compreendendo à luz da

intenção do profeta (teológica, geográfica, literária, histórica, gramatical, etc), desenvolvem-se princípios norteadores para uma conduta de obediência a Deus.

Diante do conceito abordado por Ricoeur em que a metáfora é um processo literário e linguístico, além de retórico, que o discurso libera o poder de que algumas imagens têm de redescrever a realidade, aprecia-se que: a profecia de Ezequiel assume beleza e utilidade em seu discurso. Além disso, a linguagem sexual no texto de Ezequiel 16 é relacionada à situação espiritual do povo, e ela se relaciona em seu (s) propósito (s) de comunicar, tocando não só a mente, mas principalmente o coração de todo povo.

Por fim, o discurso metafórico de Ezequiel 16 discorre numa perspectiva realista, situacional e relacional. Em sua categoria metafórica, Ezequiel se mostra o mais claro e comunicável possível, sendo reconhecido não só pelo recurso utilizado, no caso metafórico, mas na estrutura montada que inicia na adoção até a reconciliação do relacionamento de YAHWEH com Israel, seu povo.

REFERÊNCIAS:

ARISTÓTELES. **Poética**: Os Pensadores. São Paulo, SP: Abril, (trad. 1999).

BARTHES, R. **Elementos de semiologia**. 16. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

BAKER, David W; ARNOLD Bill T. **Faces Do Antigo Testamento**: um exame das pesquisas mais recentes. São Paulo: CPAD, 2017.

BÍBLIA. Hebraico. **Bíblia Hebraica Stuttgartensia**. Sttugart: German Bible Society, 1997.

BIBLE HUB. [Search, Read, Study the Bible in Many Languages.](https://biblehub.com/interlinear/ezekiel/16-1.htm) <<https://biblehub.com/interlinear/ezekiel/16-1.htm>>, 2004-2019.

BÍBLIA. Português. **Bíblia sagrada**. Tradução João Ferreira de Almeida. Barueri-Sp: Mundo Cristão, 2009. Edição Bíblia de estudo de Genebra. Texto bíblico: Almeida revista e atualizada.

BÍBLIA. Septuaginta. **Bíblia Septuaginta**. Deutsche Bibelgesellschaft. Sttugart: Sociedade Bíblica do Brasil, 2011.

BLOCK, Daniel. **Comentários do Antigo Testamento: Ezequiel volume 1.** São Paulo: Editora Cultura, 2012.

BRUCE, K. Waltke. **Teologia do Antigo Testamento.** São Paulo: Vida Nova, 2015.

BRUCE. F. F. **Interpretação da Bíblia.** Enciclopédia histórico-teológico da igreja Cristã. São Paulo: Vida Nova, 1990, p.338.

CEGALLA, Domingos. P. **Novíssima gramática da língua portuguesa.** São Paulo: Companhia editora nacional, 2008.

CEREJA, W. R; MAGALHÃES, T. C. **Gramática: texto, reflexão e uso.** São Paulo: Atual, 2008.

ELISEN, Stanley. A. **Conheça melhor o Antigo Testamento.** São Paulo: Vida, 1996.

FUTATO, Mark. D. **Introdução ao Hebraico bíblico.** São Paulo: Cultura Cristã, 2010.

HALL, GARY H. **Novo dicionário internacional de teologia e exegese do Antigo Testamento.** v. 3. São Paulo: Cultura Cristã, 2011, p. 6.

HILL, Andrew. E; WALTON, H. **Panorama do Antigo Testamento.** São Paulo: Vida, 2006.

HJELMSLEV, Louis. **Prolegômenos a uma teoria da linguagem.** São Paulo: Perspectiva, 1975.

HOY, C. D. **The critical circle: literature, history and philosophical Hermeneutics.** Berkeley: Univ. of California, 1978. p 33.

HORSNELL, MALCOLM J. A. **Novo dicionário internacional de teologia e exegese do Antigo Testamento.** v. 3. São Paulo: Cultura Cristã, 2011, p. 813.

KAISER, Walter. JR. **O plano da Promessa de Deus: teologia Bíblica do Antigo e Novo Testamentos.** São Paulo, Vida Nova, 2011.

KRUGER, P. A. **The Hem of the Garment in Marriage**: the meaning of the symbolic gesture in Ruth 3.9 and Ezekiel 16.8". JNSL, 12, 1984.

LASOR, William. S; HUBBARD, David. A; BUSH, Frederic. W. **Introdução ao Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2002.

MACDONALD, William. **Comentário bíblico popular**: antigo testamento. São Paulo: Mundo Cristão, 2010.

MCGRATH, Alister. E. **Teologia sistemática, histórica e filosófica**: uma introdução à teologia cristã. São Paulo: Shedd Publicações, 2005.

MARTINET, André. **Elementos de linguística geral**. São Paulo: Martins Fontes, 1978.

MERRIL, H. Eugene. **A theology of Ezekiel and Daniel**. A biblical theology of the Old Testament. Chicago: Moody, 1991.

_____. **Teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Sheed Publicações, 2009.

OSBORNE, Grant. R. **A espiral da Hermenêutica**. São Paulo: Vida Novas, 2009.

PLUMMER, Robert. L. **Quarenta questões para se interpretar a Bíblia**. São José dos Campos, SP: Fiel, 2017.

POLK, Timothy. **Paradigms, parables, and mesalîm**: O reading the *Masal* in Scripture. CBQ 45, 1983, p. 564-83.

RICOEUR, Paul. **A Metáfora Viva**. São Paulo: Loyola, 2000.

RYKEN, L. **Words of Delight**: A literary introduction to the bible. 2 ed. Grand Rapids; Baker, 1993.

SANDY. D. Brent; JUNIOR, Martin. G. A. **Apocalyptic, cracking old testament codes**. Nashville: Broadman e Holman, 1995.

SEEVERS, BOYD. **Novo dicionário internacional de teologia e exegese do Antigo Testamento**. v. 3. São Paulo: Cultura Cristã, 2011, p. 703.

SOARES, Marcos. P. S. **Sexualidade e espiritualidade em Ezequiel 23**: uma análise linguístico-teológica. Anais eletrônicos da XXIII Semana de Teologia da UNICAP: identidade e missão dos cristãos hoje: perspectivas e desafios. Albino Lain, PE: Universidade Católica de Pernambuco, 2018.

STUART, Douglas; FEE, Gordon. **Manual de Exegese bíblica. Antigo e Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2008.

VANGEMEREN, Willem. A. **Novo dicionário internacional de teologia e exegese do Antigo Testamento**. v. 3. São Paulo: Cultura Cristã, 2011.

WALTKE, Bruce. **Teologia do Antigo Testamento**: uma abordagem exegética, canônica e temática. São Paulo: Vida Nova, 2015.

WILLIAM, W. Klein; JUNIOR, R. L. Hubbard; BLOMBERG, L. Craig. **Introdução à interpretação bíblica**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017.

WIERSBE, Warren. W. **Comentário Bíblico expositivo**, v.4. Santo André- SP: Geográfica, 2015.

ZUCK, Roy. **A interpretação bíblica**: meios de descobrir a verdade da Bíblia. São Paulo: Vida Nova, 1994. p. 157,169-174.